

19 OUT 1986 CORREIO BRAZILIENSE

Governo abre campo para negociar dívida

FRUTA NETO Colaborador

O Governo Sarney está administrando os reajustes da economia. A mudança na taxa cambial foi um sinal. No seu conjunto, os indicadores são tomados como imagem de espelho: importações cresceram sacrificando reservas; exportações enfrentam ondas protecionistas e temem retração da economia internacional; investimentos nacionais estão em compasso de espera e investimentos estrangeiros caem.

Em todos os vetores, porém, o descongelamento amplo está des-

cartado. O que o governo promove é reajuste gradual. Para chegar a tirar o gesso completo dos preços, a oferta e a procura terão que se estabilizar. Esse equilíbrio só acontecerá num momento em que se realizarem mais investimentos. E para que se detone tal marcha o núcleo central desse processo é a renegociação da dívida externa.

EIXO E DÍVIDA

Os ajustamentos realizados e os que estão em fase preparatória decorrem da essência mesmo da economia ser dinâmica. Quando há mudança na relação há imposição de um novo padrão. A economia

não é ciência nem é mágica, mas um estudo dos comportamentos agregados, da oferta, da procura, dos preços e das rendas, da gestão da escassez. Face a essa função de variáveis condicionantes a chave de construção do futuro brasileiro passa pela renegociação da dívida externa. Uma renegociação que, para ser reverenciada, precisa contar com opções criativas e suficientemente atrativas para os credores e toleráveis para o Brasil.

Um indício de que o Governo Sarney praticamente concluiu a construção dessas opções é a escolha do novo embaixador em Washington, Marcillo Marques Moreira. Formação de diplomata e car-

reira no mundo financeiro, com sua indicação o eixo da negociação política e econômica entre os governos Sarney e Reagan se desloca da Esplanada dos Ministérios e faz o caminho de volta ao Palácio do Planalto. Será lá, e mais uma vez, e com mais ênfase, que se decidirão as políticas econômicas. Ao despolarizar o diálogo econômico, o presidente Sarney volta a fazer a coordenação das negociações e dos entendimentos.

Ao se decidir em tal direção, o presidente Sarney ampliou as bases não apenas das relações de governo a governo mas também das instituições internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetá-

rio, nas quais os Estados Unidos são sócios majoritários. E nesse parêntese a questão da dívida externa se torna mais e mais prioritária. O discurso brasileiro, a partir de agora, deverá ficar escorado na perspectiva de que o entendimento sairá antes do final do ano. Como consequência dessa evolução, os bancos privados já voltaram a bater à porta e oferecer dinheiro novo, na forma de novos e voluntários empréstimos ao Brasil. Mas para se chegar a eles se terá que ter o aval do acordo e, com ele, a garantia de que o crescimento econômico e a busca de estabilidade político-social serão mantidos.